
Novos termos de um velho debate: a industrialização do Vale do Itajaí na historiografia e na economia política catarinense

Bruno Mandelli

bruno.o.mandelli@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste artigo propomos lançar luz sobre como a industrialização do Vale do Itajaí/SC foi abordada na historiografia catarinense e na economia política. Abordaremos as principais obras de autores que se dedicaram ao tema desde a década de 60 aos anos 2000, em suas diferentes vertentes teóricas. Desse modo, através de uma abordagem bibliográfica, propomos levantar quais diferenças e semelhanças entre as distintas perspectivas que se dedicaram à pesquisa da industrialização naquela região. Através de uma análise comparativa foi possível traçar um aspecto que perpassa todas as obras estudadas: a persistência do empreendedor teuto-brasileiro como ator histórico da industrialização.

Palavras-chave: Industrialização; Vale do Itajaí; Teuto-brasileiro.

Abstract: In this article we propose to shed light on how the industrialization of the Itajaí Valley / SC was approached in the historiography of Santa Catarina and in the political economy. We will cover the main works of authors who have dedicated themselves to the theme from the 60s to the 2000s, in their different theoretical aspects. Thus, through a bibliographical approach, we propose to identify the differences and similarities between the different perspectives that were dedicated to the research of industrialization in that region. Through a comparative analysis it was possible to trace an aspect that pervades all the studied works: the persistence of the Teuto-Brazilian entrepreneur as historical actor of the industrialization.

Keywords: Industrialization; Itajaí Valley; German-Brazilian.

A industrialização do Vale na perspectiva da Economia Política

Desde a década de 60 do século passado muitos estudiosos se debruçaram como objeto de pesquisa a industrialização do Vale do Itajaí/SC. As primeiras obras acadêmicas publicadas sobre o assunto se inseriam mais no campo da geografia econômica e da economia política como áreas de conhecimento próximos à história econômica: *Estudos Geográficos da Indústria de Blumenau* (1965), do geógrafo Armen Mamigonian, e do livro *Desenvolvimento econômico e Evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife* (1966) do economista Paul Israel Singer sob orientação do professor Florestan Fernandes.

No artigo do geógrafo Armen Mamigonian, intitulado *Estudo Geográfico das indústrias de Blumenau*, publicado em 1965 na Revista Brasileira de Geografia, o autor inicia seu estudo destacando três tipos de zonas industriais em Santa Catarina: zonas de colonização



alemã, zona do carvão e zona pioneira do oeste. Em relação à primeira, o autor considera que em particular, as colônias Blumenau, Joinville e Brusque se constituíram como as zonas “mais industrializadas e as mais ricas de Santa Catarina, de tal modo que em São Paulo, por exemplo, Santa Catarina evoca automaticamente os alemães”¹.

Desse modo, o autor estabelece que a industrialização se deu nessa região em três fases de implantação: a primeira de 1880 a 1914 caracteriza-se pela implantação das primeiras indústrias, quando foram fundadas “uma malharia (HERING-1880), e duas tecelagens de algodão (Karsten-1882 e Garcia 1885)”². Para o autor citado, nessa fase, de 1850 até a primeira Guerra de 1914-18, “o fundamento material da vida em Blumenau esteve baseado no sistema “colônia-venda”³. Isto é, um pequeno comércio local, em que os produtos eram vendidos e comprados dentro da colônia, através das “vendas”.

A segunda fase, para o autor, de 1914 a 1939, é marcada pela expansão das indústrias e criação de novos ramos industriais. Nesse período, é marcado principalmente pelo advento da Primeira Guerra Mundial, que influenciou a relação econômica no comércio do Brasil, o que também proporcionou uma entrada da economia de Blumenau no mercado externo. Além disso, outro fator contribuiu para a consolidação das indústrias em Blumenau, um capital humano, segundo Mamigonian: “a partir de 1919 a chegada de numerosos imigrantes com experiência industrial e comercial”⁴.

A terceira fase inicia em 1940 e se estende até 1961. Para o autor, o excedente econômico, “indispensável a todo início industrial”:

(...) nasceu da produção agrícola e por causa do sistema “colônia-venda” acumulou-se nas mãos dos comerciantes que não se contentavam apenas em orientar a vida econômica nas suas zonas de influência, mas também possuíam barcos para ir até Itajaí (...). Mais frequentemente, estes comerciantes dirigiam casas de importação-exportação na “Stadtplatz”, e filiais nos diferentes cantos das zonas rurais⁵.

Em relação aos empresários industriais, o autor afirma que “o espírito de iniciativa das pessoas de origem alemã, que se encontra na base da criação das fontes de energia, (...) teve uma expansão máxima na atividade industrial”⁶. Esses empresários obedecem a certos tipos de

1 MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, IBGE, 27: 389-481, jul./set. 1965, p. 390.

2 Idem, p. 394-395.

3 Idem, p. 397.

4 Idem.

5 Ibidem, p. 397.

6 Ibidem, (grifos meus). p. 398.



padrões de acordo com suas profissões de origem anterior e a origem de capitais: 1) gentes que já eram industriais; 2) gentes ligadas ao comércio de importação-exportação do sistema colônia-venda; 3) representantes comerciais, quadros e empregados de escritórios e comerciantes varejistas; 4) a mão-de-obra qualificada: mestres, operários qualificados e artesãos⁷.

Em seguida, o autor cita alguns casos de pequenos empresários que foram bem-sucedidos em seus negócios: Herman Hering, Johann Karsten, Alfred Hering, W. Cremer, entre outros. Em seguida afirma que: “resumindo, os industriais de Blumenau eram o mais frequentemente “capitalistas sem capital”, no sentido de que tinham espírito de iniciativa mais ou menos desenvolvido, mas quase nenhum recurso financeiro”⁸. O perfil dos empresários que fizeram a industrialização de Blumenau, para o autor, eram, portanto, esses capitalistas “sem capital”, no sentido de que possuíam um ímpeto modernizados, mas que traziam poucos recursos em suas bagagens.

A visão do empresário imigrante como realizados da indústria em Blumenau é explicada por Mamigonian pela transposição da industrialização em curso na Alemanha, considerando que este fato bastava para que se instalasse um processo de industrialização aqui nos moldes do que ocorria lá, conforme afirma:

A colonização alemã em Blumenau *trouxe em si mesma a indústria*, se se considerar que seus membros, provenientes de uma civilização em pleno desenvolvimento industrial, *trouxeram eles mesmos esta civilização* [...] Assim, pode-se dizer que a colonização do Dr. Blumenau, *por causa da sua riqueza humana*, no lugar de ser Santa Catarina, se localizasse não importa onde, os resultados seriam os mesmos⁹.

A análise de Mamigonian (1965), embora parta de uma abordagem socioespacial, é em nossa visão limitada, pois parte de uma simplificação de um processo histórico complexo que envolveu diferentes continentes, e, portanto, países com formações socioeconômicas distintas. Consideramos equivocada a afirmação de que a colonização alemã trouxe em si mesma a indústria, e que os imigrantes alemães, por terem vindo de uma civilização em processo de industrialização, transplantaram essa civilização para o Brasil, o que dá uma noção de que a imigração alemã em Santa Catarina reproduziu, *ipsis litteris*, a sociedade alemã de final do século XIX. Além disso, a tese de que a industrialização de Blumenau foi de “capitalistas sem capital” reforça a ideia de que o “sucesso econômico” foi obra exclusiva dos empreendedores

7 Ibidem, p. 400.

8 Ibidem, (grifos meus). p. 404.

9 Ibidem, (grifos meus). p. 416.



teuto-brasileiros, que por causa de sua “riqueza humana”, atingiriam os mesmos resultados e nunca o fracasso, não importa em que lugar.

A industrialização do Vale na perspectiva da historiografia

A partir de agora vamos visitar as obras de alguns historiadores que pesquisaram o assunto em Santa Catarina. Walter Fernando Piazza (1989) em seu livro *Santa Catarina: sua história*, no capítulo que trata sobre a Industrialização (de 1850 a 1900), o autor descreve o processo de surgimento das primeiras indústrias dos ramos têxtil, metalúrgico, tipográfico, de alimentos, etc., e passa a biografar o que chama de lideranças: 14 empresários de origem germânica e um de origem italiana, fundadores de empresas e grupos econômicos, mas não diz nada sobre a mão-de-obra¹⁰. Em outro livro, *Santa Catarina: história da gente*, ao tratar dos fundadores da Colônia Blumenau, os primeiros 17 imigrantes, afirma que “a predominância de artesãos sobre lavradores talvez explique a tradição industrial que se firmará como base econômica da região”¹¹. Nesse sentido, também atribui à origem da industrialização no Vale do Itajaí à figura do empreendedor teuto-brasileiro.

Também compartilha dessa visão a interpretação de Américo Augusto da Costa e Souto, (1980) que em conjunto com outros historiadores e economistas escreveram a obra *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*, que possui como marco teórico a obra de Fernand Braudel, com a diferenciação temporal entre estrutura, conjuntura e evento. No capítulo V do livro, *Da Economia Subsidiária e primário-exportadora à industrialização tradicional (1850-1914)*, é assim periodizada a formação da indústria naquela região:

O período que vai de meados do século XIX à Guerra de 14 mostra, a partir de 1880, uma transformação que podemos considerar estrutural, ou seja, a implantação da indústria tradicional (especialmente têxtil e alimentar), na zona de colonização do Vale do Itajaí e do Nordeste do Estado¹².

Desse modo, a partir de 1850 à Primeira Guerra, o autor considera que houve uma transformação nas estruturas da base econômica da região do Vale do Itajaí e Nordeste de Santa

10 WOLFF, Cristina. Op. Cit., p. 3.

11 PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC, 1977, p. 72.

12 CEAG/SC. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: CEBRAE/CEAG-SC/CODESUL/SIC/CODESC/BRDE/BADESC/BESC/PROCAPE, 1980, p. 57.



Catarina. A partir de uma interpretação braudeliana de longa duração, o autor considera como uma mudança estrutural a instalação das primeiras indústrias na zona de colonização alemã. Cabe destacar que para o autor, a etnia alemã é relevada como fundante nessa alteração estrutural da região, conforme afirma: “no caso do imigrante (sobretudo o alemão), a *ação do pioneirismo*, que poderia conduzir à tese do empresário inovador de Schumpeter”¹³.

Em artigo mais recente, Costa e Souto (2004) publicou um capítulo intitulado *Industrialização de Santa Catarina: o Vale do Itajaí e o litoral de São Francisco, das origens ao mercado nacional (1850-1929)*. Como o nome diz, é uma tentativa de remontar às origens da indústria nessas regiões. Na mesma lógica do trabalho anterior, o resgate das origens industriais tem por perfil do homem que faz a história o “empresário inovador”, ao invés dos “heróis políticos e militares” da historiografia tradicional, como o autor afirma:

A História Econômica, uma das preferências da Escola Francesa tem como atores históricos não os heróis políticos e militares, mas sim os heróis “shumpeterianos” das façanhas econômicas: o italiano Mattarazo, caudilho empresarial, é, assim, a réplica do outro italiano, o caudilho revolucionário Garibaldi; o Visconde de Mauá passa a merecer monumentos, ao lado de um D. Pedro I, um José Bonifácio... No nosso caso, os capitães de empresa e técnicos inventores teuto-catarinenses serão os atores da épica industrial¹⁴.

A sua defesa – de certa forma retoma os argumentos na obra anterior – é a de que a industrialização, enquanto fenômeno de longa duração, que transforma as estruturas da sociedade catarinense, é fruto da imigração enquanto fenômeno conjuntural da segunda metade do século XIX.

Mais um tema abordado em sua obra é a defesa da tese da relação da industrialização do Vale como centro-periferia ou metrópole-satélite em relação ao eixo Rio-São Paulo. Em que “o conceito de centro, isto é, as economias “desenvolvidas”, definidas especialmente pelo capitalismo industrial; de outro lado, a periferia, formada por economias subdesenvolvidas, em estágio pré-capitalista (ou, no máximo dentro do capitalismo comercial)¹⁵.

Esse modelo de explicação da industrialização centro-periferia foi utilizado pela comissão econômica para a América Latina (CEPAL)¹⁶.

13 Idem, p. 75.

14 COSTA SOUTO, Américo A. Industrialização de Santa Catarina: o vale do Itajaí e o litoral de São Francisco, das origens ao mercado nacional (1850-1929). In: Ana Brancher (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004, p. 115.

15 Ibidem, p. 118.

16 Faziam parte dos quadros da CEPAL importantes economistas e sociólogos brasileiros, como Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, Fernando H. Cardoso, Carlos Lessa, A. Barros de Castro e José Serra, entre outros.

Para Costa e Souto, o imigrante trouxe da Europa uma mentalidade capitalista, própria de países que passaram pela Revolução Industrial, em contraste com a sociedade brasileira que ainda mantinha a monarquia e a escravidão. Como o autor afirma: “Tem sido constatado que o imigrante em geral mostra, no Brasil, uma *vocação empresarial* que não costuma ocorrer no brasileiro”¹⁷.

Esse contraste entre a mentalidade do “brasileiro” ligada à monarquia e à escravidão, e do “imigrante teuto” como tipicamente capitalista, é apontada como uma das causas da transformação estrutural proporcionada pela industrialização, assim como já havíamos visto semelhante argumentação na obra de Mamigonian (1965), novamente reitera argumento do perfil do fundador das indústrias, conforme é destacado:

Esse grupo saía de um país que ingressava aceleradamente no capitalismo industrial. Via de regra, não trazia recursos materiais, suas armas para a aventura industrial foram sua mentalidade empresarial e suas qualificações técnicas. *Eram capitalistas sem capital*¹⁸.

Esses “capitalistas sem capital” a que se referem Costa e Souto (2004) e Mamigonian (1965), são os que fundaram as primeiras indústrias do Vale do Itajaí, que se destacam em sua narrativa.

Em nenhum momento aparece uma menção aos trabalhadores, às mulheres, ao trabalho infantil, enfim, a visão predominante nessas obras é a do perfil imigrante alemão, empresário inovador, “capitalista sem capital”.

Uma obra que, embora faça oposição à perspectiva de Costa e Souto e CEAG/SC em relação à tese centro-periferia na relação de industrialização do Vale, segue a perspectiva de que o agente histórico indutor da industrialização é o empresário inovador teuto-brasileiro é *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento*, publicado em 1987, da historiadora Maria Luiza Renaux Hering. Para esta autora:

Nosso ponto de partida é a hipótese de que o desenvolvimento da economia do Vale do Itajaí obedeceu a dinâmica interna própria. O crescimento gradativo da indústria, a partir de recursos autogerados e de mercado interno, teve por base o isolamento regional. (...). Discordamos, assim, do posicionamento defendido em trabalhos atuais na Universidade Federal de Santa Catarina que serviriam, inclusive, de base a estudo divulgado sobre a evolução histórico-econômica do estado, sob a responsabilidade de um grupo de economistas e historiadores e que se resume na explicação de que a

17 COSTA E SOUTO, Op. Cit., (grifos meus). p. 40.

18 COSTA E SOUTO, Op. Cit. (grifos meus). p. 129-130.

economia de Santa Catarina foi marcada pela função de suprir os núcleos exportadores do sistema econômico brasileiro¹⁹.

Segundo a autora, Santa Catarina, em particular o Vale do Itajaí, teve o seu desenvolvimento econômico a partir de uma industrialização endógena, voltada para dentro, e não como periférica da economia do eixo São Paulo-Rio.

Notamos que a autora busca generalizar um “modelo catarinense de desenvolvimento” a partir de um estudo regional do Vale do Itajaí. Sendo esse desenvolvimento “autônomo”, pois “constata-se sua independência em relação ao governo pela ausência de subsídios e favores (...) e em relação às instituições bancárias, inexistentes localmente. Decorre dessa auto-suficiência e solidez a capacidade de manter-se no mercado e de resistir a conjunturas difíceis”²⁰. Como fator primordial na análise do desenvolvimento endógeno é apontado o tipo de mão-de-obra e o tipo de empreendedor como agentes de transformação econômica no Vale do Itajaí²¹.

Essa teoria do empresário inovador tem suas bases filosóficas em Joseph A. Schumpeter, economista austríaco que escreveu *A teoria do desenvolvimento econômico*, obra no qual o autor constrói a sua teoria em torno do empresário inovador, como elemento propulsor do desenvolvimento econômico. Segundo essa linha de pensamento, o individualismo e o racionalismo são características inerentes a esse tipo de agente que realiza a combinação de técnicas novas no processo de produção e conquista novos mercados. Como Hering afirma: “na definição Schumpeteriana, que se tornou clássica para o conceito de empreendedor, este é o indivíduo que preenche a função de realizar novas combinações no processo produtivo”²².

Em relação à mão-de-obra, aos trabalhadores, a autora citada faz pouca menção quando afirma que “a memória dos operários, através de entrevistas, oferecem material rico para história social: visão de mundo, esperanças, condições de vida, *valorização do trabalho*”²³. Outro traço que caracterizava a mão-de-obra teuta, segundo a autora, foi a “docilidade frente ao paternalismo na direção (...). Na fábrica, a passividade imposta pela servidão secular supostamente se manifestou numa atitude de submissão e respeito pela autoridade mais próxima, o patrão”²⁴.

19 HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987, p. 11.

20 Ibidem, p. 13.

21 Ibidem, p. 14.

22 Ibidem, p. 14.

23 Ibidem, p. 16. (grifos meus).

24 Ibidem, pp. 151-152.

A equidade entre empresários e trabalhadores, que é narrada em seu livro, tem como origem o tipo de atividade econômica e o parcelamento da propriedade que se desenvolveu na região do Vale do Itajaí a partir da colonização alemã. Além disso, para Hering-Renaux (1987) um tipo de mentalidade comum imbuída de uma ética do trabalho são fatores fundamentais na sua explicação da origem industrial autônoma:

O próprio tipo de atividade econômica que se desenvolveu na região tendo por base as pequenas propriedades não permitiu, de início, a formação de grandes fortunas e o distanciamento social. Por outro lado, o imigrante trouxe uma mentalidade imbuída de ética que dele exigia ECONOMIA, MODERAÇÃO E AUTO-CONTROLE no comportamento, valores esses justamente destacados como pressuposto mais imperioso para a industrialização, nos países líderes deste processo, do que a própria posse de capital²⁵.

A autora ressalta, portanto, o mesmo argumento já evocado por Mamigonian (1966) e por Costa e Souto (2004) dos “capitalistas sem capital”, de que a mentalidade tipicamente capitalista com uma ética “protestante” seriam os principais fatores do desenvolvimento e da industrialização; para Hering-Renaux (1987), foi uma industrialização autônoma, independente do Estado, de instituições financeiras, isolada do restante do país, e que tem como marca um equilíbrio social acentuado.

Para ela, esse equilíbrio social, característica do modelo de colonização alemã no Vale do Itajaí, foi “marcadamente homogêneo”, pois “todos os imigrantes, por necessidade ou por decreto, foram obrigados a ter, como atividade inicial, numa região cuja base econômica ainda estava por ser criado, o trabalho na terra”²⁶. Essa característica das origens dos fundadores do Vale, para Hering, determinou uma equidade econômica e social:

Esse foi o ponto de partida para que todas as diferenças econômicas, sociais, políticas e religiosas vividas pelos imigrantes alemães em sua terra de origem desaparecessem no novo mundo e se fundissem, através do trabalho, em solidariedade e experiência comum²⁷.

A narrativa construída pela autora sobre o processo de formação da colonização e da indústria no Vale do Itajaí/SC nos leva, por muitas vezes durante a leitura, a imaginar uma sociedade onde não havia diferenças sociais significativas, sem ricos nem pobres, sem desigualdades econômicas profundas, uma vez que todos deveriam ter o trabalho na agricultura

25 Ibidem, p. 27.

26 Ibidem, p. 56.

27 Ibidem, p. 56.

como condição social inicial. Essa construção narrativa é, em nossa opinião uma visão idílica do passado, muito semelhante à ideia do mito fundador, tal como analisou Mircea Eliade: “(...) o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio" (...) É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser”²⁸.

Além dessa relação de equidade social, a autora também informa que não havia uma classe aristocrática como em outras regiões do Brasil, o que facilitou para que a Colônia nas regiões do Vale do Itajaí caminhassem para uma transformação industrial. Desse modo:

Não havia, em Santa Catarina, uma aristocracia rural ou qualquer outra que impedisse colonos, e, posteriormente, comerciantes e artesãos, de exercerem a profissão de sua escolha. Isso, naturalmente, forjou-lhes um caráter em que a *auto-confiança* e a *independência* tornaram-se traços essenciais²⁹.

Como representante dos empreendimentos industriais de Blumenau, a autora cita o caso da empresa Gebrüder Hering, fundada em 1880. A família Hering possuía tradição no ramo têxtil, pois “todos os membros do sexo masculino da família foram, sem exceção, tecelões ou mestres de tecelagem e malharia”³⁰. Quando imigrou para Blumenau, estava com 43 anos e experimentou diversas atividades ligadas ao comércio, abrindo uma venda em 1879. Em 1880, com a vinda do irmão mais novo, Bruno Hering, pôde iniciar as atividades de artesãos da Alemanha: “com as economias trazidas e guardadas pelo patriarca Hermann, fora possível adquirir o primeiro tear, que, contudo, era bem diferente, das simples máquinas de tecer usadas anteriormente na Saxônia”³¹.

Em relação à mão-de-obra, a autora analisa que a mesma origem étnica contribuiu para os valores comuns e os laços de solidariedade fossem criados entre os operários e patrão, gerando traços de identidade cultural acima das diferenças socioeconômicas. Desse modo, “tradição, sentimento autóctone, relações sociais favoráveis, ligações familiares – no caso, refletindo-se em estabilidade no emprego – são constatações fáceis ao senso comum”³².

A partir de 1875, entretanto, contribuíram para a formação da mão-de-obra da região a imigração italiana, firmada a partir do contrato de Caetano Pinto com o Império, em virtude da crise agrícola pelo qual passara a Itália e a diminuição na imigração de alemães no período.

28 ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 50.

29 Ibidem, p. 57. (grifos meus).

30 Ibidem, p. 87.

31 Ibidem, p. 93.

32 Ibidem, p. 141.

Destaca-se que “entre os imigrantes havia elementos dos mais diversos segmentos sociais, uma vez que o responsável pelo seu recrutamento era recompensado pelo número de indivíduos arregimentados, não existindo qualquer critério de seleção”³³.

De acordo com a autora, com a inserção desses imigrantes italianos na economia local vai se dar uma diferenciação étnica e social em relação ao trabalho, uma vez que “entre os imigrantes de origem urbana havia muitos que transplantaram consigo a experiência e o sentimento de grupos operários politizados e inconformados com a espoliação social levada pelo capitalismo industrial dos primeiros tempos à sua pátria (...)”³⁴.

Segundo a autora, diferente da atitude de “submissão” e à “disciplina” da origem teuta, os imigrantes de origem italiana não se adaptaram bem ao trabalho industrial. Assim, “os operários desses dois núcleos, Nova Trento e Itajaí, eram elementos que se ajustaram com maior dificuldade ao regime de trabalho industrial, com horários de trabalho rígidos”³⁵.

Assim, para esse tipo de historiografia, o padrão por excelência do ator da história do Vale, é, por um lado, o empresário teuto-brasileiro, capaz de inovar e superar as diversidades iniciais a partir da sua mentalidade empreendedora, herdeiro de características inovadoras; e por outro lado, o trabalhador teuto, portador de uma disciplina e de uma moral voltadas para o trabalho, com características “dóceis” e “submissas”.

Críticas ao modelo schumpeteriano da história

Conforme pudemos ver nas páginas anteriores, a escrita da história do Vale passou por diversas tendências historiográficas, da história factual e pretensamente neutra (Piazza), da perspectiva da economia política (Mamigonian e Singer), à análise braudeliana da longa duração (Costa e Souto) que converge com a teoria schumpeteriana do empresário inovador (Maria L. Renaux Hering).

Recentemente, alguns autores têm aberto um novo caminho para interpretação da industrialização do Vale do Itajaí, da sua formação social, e das suas relações sociais em nível mais amplo, da política às manifestações culturais. São elaborações de economistas, sociólogos, assistentes sociais, arquitetos, até poetas – mas nenhum historiador³⁶. Talvez seja esse a

33 Ibidem, p. 145.

34 Ibidem, p. 145.

35 Ibidem, p. 152.

36 MATTEDI, Marcos Antônio; IVO, Marcos; TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima. *Nosso passado (in)comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau*. Ed. da FURB, 2000, p. 7.



importância desse trabalho para historiografia, apesar dos limites de um artigo, contribuir para fomentar esse debate no campo da história.

Alcides Goulart Filho, economista, defendeu uma tese sobre a *Formação Econômica de Santa Catarina*, publicada pela editora da UFSC. Ao analisar a produção bibliográfica sobre o Estado, questiona a tese schumpeteriana do empresário inovador, uma vez que “um empresário pode ser considerado inovador quando as condições sociais, institucionais e financeiras permitem a externalização do seu dinamismo”³⁷ Para o autor, destacar apenas um elemento do “sucesso” industrial, do empreendedor de origem teuto, e colocá-lo como exemplo do “modelo catarinense de desenvolvimento” é reforçar o mito da superioridade racial. Desse modo, para o autor:

A tese do empresário inovador serviu como um respaldo científico mais elegante e convincente do que as abordagens racistas do evolucionismo spenceriano, em que os mais aptos ou os mais dinâmicos sobrevivem à seleção natural. Associado à figura do empresário inovador, vem o *mito do “espírito de iniciativa”*, da forte “ideologia do trabalho” e da disciplina. Essa interpretação serve para reforçar ainda mais a segregação social e regional no Brasil, ou seja, o sujeito é pobre e explorado porque não têm descendência alemã ou italiana; portanto, não tem amor ao trabalho e prefere o ócio ao negócio. Se quisermos construir uma abordagem crítica da formação econômica de Santa Catarina, jamais podemos cair no reducionismo individualista e na visão preconceituosa³⁸.

Goulart Filho (2007) não cai na apologia de explicar a gênese da industrialização a partir do “empresário inovador” ou da transposição simplista da Revolução Industrial em curso na Europa para a realidade brasileira. O autor, crítico a visão apologética do empresário inovador explica que “o crescimento de inúmeras pequenas atividades manufatureiras deve ser entendido pelo parcelamento da propriedade, pelo alto grau de difusão tecnológica dos adventos da Primeira Revolução Industrial (facilidade de cópia) e pela tradição dos imigrantes (...)”³⁹. No campo da sociologia, Fabrício R. Tomio (2000) organizador do livro *Nosso Passado (In)Comum: Contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau*, escreve um capítulo - *Breve História da Burguesia Industrial Têxtil Blumenauense (Constituição, Ação Política e Organizações de Classe)* -, em que se propõe a analisar a história

37 GOULART F., Alcides. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007, p. 49.

38 Ibidem, p. 49.

39 Ibidem, p. 76.



de Blumenau a partir de uma interpretação da ação coletiva da burguesia têxtil, nas suas diferentes etapas e posições de classe.

O autor inicia retomando a fundação, em 1880, da empresa Gebrüder Hering, como o marco “que inaugura o processo de industrialização do Estado de Santa Catarina”⁴⁰. A periodização histórica da industrialização de Blumenau é aquele mesmo proposto por Singer e Mamigonian – 1850-1880 (produção agrícola, sistema colônia-venda); 1880-1914, da pequena indústria; 1914-1950, grande indústria. Segundo o autor:

A transposição histórica do padrão de desenvolvimento agrícola deu origem à segunda fase econômica de Blumenau (1880-1914): a da pequena indústria. Concorreram para isto, alguns fatores fundamentais: 1) a acumulação de capital pelos comerciantes (“vendedores”) e seu investimento em atividades de transformação industrial; 2) a existência de um mercado interno formado pelas colônias que garantiam a colocação inicial das mercadorias; 3) a experiência profissional e o conhecimento técnico dos imigrantes fundadores das primeiras indústrias⁴¹.

Segundo Tomio, “esta terceira característica é normalmente enfatizada pelos empresários (I. HERING, 1980) como fator fundamental para a industrialização catarinense”⁴², o que “parece servir muito mais a uma autenticação acadêmica de um preconceito ou de uma posição ideológica da elite local”⁴³.

Concordamos com essas críticas a visão completamente parcial das obras que enfocam em um perfil único de líder na suposta vocação empresarial da região do Vale. Nossa crítica vai no caráter teleológico embutido nas teses dos “capitalistas sem capital” e do “empresário inovador”.

Desse modo, parece que nos planos de colonização do Vale já estava implícita a indústria, como o “transplante de uma cultura europeia”, “destinada ao sucesso” e nunca ao fracasso. Como afirma Hering-Renaux (1987) em relação ao Vale do Itajaí: “Havia, então, a preocupação de se ocupar os *espaços vazios* do litoral em direção ao interior (...). Aí se formaram núcleos duradouros, *destinados ao sucesso econômico*”⁴⁴. E também que:

40 TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima. Breve História da Burguesia Industrial Têxtil Blumenauense (Constituição, Ação Política e Organizações de Classe). In: _____. *Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau*. Ed. da FURB, 2000, p. 68.

41 Ibidem, p. 69-70.

42 Ibidem, p. 70.

43 Ibidem, p. 70.

44 HERING, Maria L. R. Op. Cit. p. 32. (grifos meus).



A indústria catarinense trouxe *a marca da colonização* original – no Vale do Itajaí formaram-se pequenas e médias empresas familiares, lideradas por empreendedores de origem alemã. Estes, sem contar com o favorecimento do governo, canalizaram os investimentos de base rural para a formação de empresas industriais e desenvolveram suas fábricas adotando como princípio de gerência empresarial a aplicação de recursos autogerados, representados basicamente pela capitalização de parcela dos rendimentos familiares⁴⁵.

Em primeiro lugar, com esses argumentos, a autora despreza a existência de comunidades indígenas inteiras que vivia sob a região do litoral à serra geral, no planalto e região do Vale. Os Tupi-guarani viviam no litoral e já praticavam a agricultura, eram sedentários e tinham na pesca a atividade básica para sua subsistência. No interior viviam os Xokleng e Kaingang que pertenciam ao tronco Jê e ocupavam as florestas e a área dos campos. Como afirma o pesquisador Silvio Coelho dos Santos:

Os indígenas formavam sociedades organizadas e plenamente adaptadas ao ambiente americano. Havia desenvolvido uma tecnologia adequada para este ambiente. E viviam o seu mundo, como qualquer homem: nascendo, trabalhando, amando, lutando e morrendo⁴⁶.

Em segundo, a afirmação do “sucesso econômico”, que depende do ponto de vista adotado, uma vez que o crescimento econômico dentro do capitalismo é sempre acompanhado do crescimento da pobreza, aparece na narrativa histórica como algo predestinado, o que reforça uma concepção linear, arquetípica e teleológica da história, que se desenvolve a partir de um mito fundador e atinge, ao final, um resultado que já havia sido previsto. Parte-se do passado para se legitimar o presente. E essa relação entre passado e presente é fundamental para compreender a crítica que fazemos a tipo de história. Segundo José Reis afirma que:

A história positivista cultuava o evento passado para que ele não se tornasse explosivo no presente. (...) Um passado-coisa, duro, museu, endurece, coisifica, conserva o presente. (...) Portanto, a relação que se estabelece com o passado condiciona a relação que se estabelece com o presente. Se se quer endurecer o passado, o presente será permanente. E quando se endurece o passado é este o objetivo⁴⁷.

45 HERING, Maria L. R. Op. Cit. p. 318. (grifos meus).

46 SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p. 24.

47 REIS, José C. *Nouvelle Histoire e o Tempo Histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 33-34.

Assim, percebemos que a construção histórica da industrialização do Vale do Itajaí como obra do empreendedor teuto-brasileiro, é evocada por uma elite para apresentar a história da indústria catarinense como obra de empresários de origem europeia, principalmente alemães.

A historiografia que privilegia a ação individual do empreendedor teuto-brasileiro como agente da industrialização do Vale, elegendo-o, portanto, como propulsor do progresso econômico relaciona categorias dadas, como se os sujeitos que viveram a história pudessem saber, *a priori*, o resultado de sua ação. Verificamos, portanto, que a historiografia catarinense e a economia política que estudou a origem da industrialização do Vale do Itajaí compartilharam, uma interpretação da industrialização ligada à superioridade do trabalho e da capacidade empreendedora dos imigrantes de origem teuto. Cabe como reflexão final desse artigo bibliográfico, a problematização do ponto de vista de uma história social, em que novos sujeitos que fizeram parte da história possam aparecer como agentes da transformação industrial; novas pesquisas revelam-se necessárias e urgentes.

Referências

BRAZ, Marcelo. NETTO, José P. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2011.

CEAG/SC. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: CEBRAE/CEAG-SC/CODESUL/SIC/CODESC/BRDE/BADESC/BESC/PROCAPE, 1980.

COSTA SOUTO, Américo A. *Industrialização de Santa Catarina: o vale do Itajaí e o litoral de São Francisco, das origens ao mercado nacional (1850-1929)*. In: Ana Brancher (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

GOULART F., Alcides. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007

HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, IBGE, 27: 389-481, jul./set. 1965.

PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre: BRDE, 1982.

PIAZZA, Walter F. HÜBENER, Laura M. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.



RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Blumenau; Florianópolis: Ed. da FURB/Ed. da UFSC, 1992, 88p.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, 118p.

TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima. Breve história da burguesia industrial têxtil blumenauense: constituição, ação política e organização de classes. In MATTEI, Marcos Antônio; IVO, Marcos; TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima. *Nosso passado (in)comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau*. Ed. da FURB, 2000, 321 p.

VIDOR, Vilmar. *Indústria e Urbanização no Nordeste de Santa Catarina*. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto-brasileiro*. (Tese de Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2008.

Recebido em 09 de janeiro de 2015.

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2017.

